

A contabilidade como ferramenta gerencial no processo de tomada de decisão nas micro e pequenas empresas do ramo de confecções e vestuário em Goiânia

Celma Duque Ferreira (UFG) - celmaduke@hotmail.com

Gilberto Crispim Silva (UFG) - crispim.silva@uol.com.br

Resumo:

A pesquisa investigou como as micro e pequenas empresas de confecção e vestuário na cidade de Goiânia, segundo maior polo desse segmento no Brasil, utilizam informações contábeis gerenciais no processo de tomada de decisão. Para isso, buscou-se identificar o perfil das empresas desse segmento, utilizando o método de pesquisa descritiva, através de amostragem não probabilística do tipo intencional com 736 empresas analisadas. A metodologia utilizada foi a aplicação de questionários fechados aos gestores in loco. Após a tabulação e análise dos dados, com auxílio de software estatístico, chegou-se à conclusão que essas empresas, não utilizam as informações geradas pela contabilidade gerencial em suas decisões, e recorrem a experiências mercadológicas dos seus gestores. Que há conflitos conceituais entre custos e despesas. Que o relatório "fluxo de caixa diário" (entrada e saída de numerários), é o mais utilizado por essas empresas. Que o controle de apuração de lucro limita-se as entradas e saídas do estoque. Que o preço de venda é definido pelo cenário mercadológico. Que 40% dessas empresas não estão dispostas a pagar por um serviço diferenciado dos contadores. E que os contadores se restringem a apresentar apenas informações referente a questões fiscais (impostos) e trabalhistas (folha de pagamento).

Palavras-chave: *Micro e pequena empresa. Contabilidade gerencial. Tomada de decisão.*

Área temática: *Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões*

A contabilidade como ferramenta gerencial no processo de tomada de decisão nas micro e pequenas empresas do ramo de confecções e vestuário em Goiânia

Resumo

A pesquisa investigou como as micro e pequenas empresas de confecção e vestuário na cidade de Goiânia, segundo maior polo desse segmento no Brasil, utilizam informações contábeis gerenciais no processo de tomada de decisão. Para isso, buscou-se identificar o perfil das empresas desse segmento, utilizando o método de pesquisa descritiva, através de amostragem não probabilística do tipo intencional com 736 empresas analisadas. A metodologia utilizada foi a aplicação de questionários fechados aos gestores *in loco*. Após a tabulação e análise dos dados, com auxílio de *software* estatístico, chegou-se à conclusão que essas empresas, não utilizam as informações geradas pela contabilidade gerencial em suas decisões, e recorrem a experiências mercadológicas dos seus gestores. Que há conflitos conceituais entre custos e despesas. Que o relatório “fluxo de caixa diário” (entrada e saída de numerários), é o mais utilizado por essas empresas. Que o controle de apuração de lucro limita-se as entradas e saídas do estoque. Que o preço de venda é definido pelo cenário mercadológico. Que 40% dessas empresas não estão dispostas a pagar por um serviço diferenciado dos contadores. E que os contadores se restringem a apresentar apenas informações referente a questões fiscais (impostos) e trabalhistas (folha de pagamento).

Palavras-chave: Micro e pequena empresa. Contabilidade gerencial. Tomada de decisão.

Área temática: Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões.

1 Introdução

Empresas de confecções e vestuário se destacam como segmento promissor para investir no ano de dois mil e quinze (SEBRAE, 2015; PIRES, 2015). Entretanto, esse segmento movimentou a economia goiana já há algum tempo, através de marcas conhecidas ou mercado popular.

As pessoas começaram a especular à oportunidade de se promoverem profissionalmente, e a partir do empreendedorismo individual se tornaram proprietários, montando seus próprios negócios de confecções. Isso correu face aos comentários surgidos na década de setenta, “que a procura pela mercadoria seria maior que a oferta em decorrência da dificuldade de acesso a esse tipo de produto (vestiário)”, na capital Goiânia (CORDEIRO, 2012).

Atualmente o comércio de vestuário se concentra em determinadas regiões da capital e formam um aglomerado de lojas que atraem compradores de regiões vizinhas e de outros Estados. Essa movimentação de vendas proporciona aumento de emprego e da renda, bem como da economia local (IMB, 2012). Esse segmento mercadológico é responsável pela segunda maior geração de emprego no Estado de Goiás (IMB, 2014). A cidade apresenta várias feiras de ruas (comércio popular) e alguns *shoppings* específicos desse segmento, tais como, Feira Hippie, Feira da lua, Avenida Bernardo Sayão, Rua 44, *Shopping* Estação Goiânia, Goiás Center Modas entre outros.

Segundo Silva *et al* (2002), a composição desse segmento de confecções é constituída por micro e pequenas empresas com estrutura familiar, maior resistente no cumprimento de rotinas gerenciais (planejamento, orçamento, controle de custo de produção, entre outros) e consequentemente, maior vítima na descontinuidade operacional.

O crescimento do empreendedorismo nos últimos anos fez aumentar o número de empresas, motivo pelo qual o Brasil em 2013 ocupava a quarta posição no ranking em números

absolutos conforme pesquisa sobre empreendedorismo no Brasil (GEM e SEBRAE, 2013). Como consequência desse cenário, a concorrência se torna uma questão significativa para as novas empresas e essas têm que utilizar informações cada vez mais precisa e relevante (ATKINSON *ET AL* (2000).

Diante do exposto, formula-se o problema de pesquisa, como as micro e pequenas empresas do setor de vestuário e confecção de Goiânia utilizam as informações contábeis gerenciais no processo de gestão? Para auxiliar a busca da resposta ao problema formulado, instituiu-se como objetivo, identificar como as micro e pequenas empresas do setor de vestuário e confecção de Goiânia utilizam as informações contábeis gerenciais no processo de gestão.

A pesquisa se justifica em razão das micro e pequenas empresas, juntamente com os Micros Empreendedores Individuais (MEIs), compõem o segmento de vestuário e confecção em Goiânia-GO, responsável por 52% dos empregos e 40% da massa salarial, além desse segmento corresponder a 99% de estabelecimentos produtivos no Brasil (FREITAS, 2015; IMB, 2014; ANUÁRIO DO TRABALHO, 2013; SEGPLAN 2013; DIEESE, 2012; SEBRAE, 2012 e MESQUITA, 2002). Bem como pelo apoio financeiro do governo do Estado, através do Goiás Fomento, no desenvolvimento de projeto para os lojistas do *shopping* estação Goiânia, com taxas de juros atraente em relação ao mercado financeiro. Pela geração de doze mil empregos (dois mil diretos e dez mil indiretos), no referido *shopping* (TAVARES, 2014; GABINETE DE IMPRENSA DO GOVERNADOR, 2013). E por fim, pela movimentação econômica da região, devido as caravanas de sacoleiros de outras regiões atraídos pelo preço e qualidade, e a aglomeração de lojistas concentrados em único local, como exemplo, a Rua 44, feira hippie e avenida Bernardo Sayão, sendo rotulada como futura unidade de “Mega Polo Moda Goiânia”, a primeira unidade fora do Estado de São Paulo, face ao potencial logístico (A REDAÇÃO, 2014).

2 Fundamentação teórica

2.1 Micro e pequenas empresas de confecção em Goiás

Em decorrência da forma do processo de produção do segmento de vestuário é possível verificar que nem todos os empresários possuem produção própria e acabam terceirizando a produção a partir das fábricas, sendo que essas fábricas estão inseridas em um mercado que busca qualidade, agilidade e preço baixo. Assim sendo, as principais atividades desenvolvidas por elas são o recebimento de matéria prima, separação e distribuição, alimentação dos postos de trabalho, montagem, acabamento e expedição. Entretanto, a maioria das fábricas não são legalizadas (SEBRAE, 2014).

O Brasil é o sexto maior produtor têxtil do mundo, são 30 mil empresas em todo país que representa uma indústria pujante e qualificada, que tem investido forte no desenvolvimento de suas técnicas de produção, e que responde por aproximadamente 3,5% do PIB total brasileiro. O segmento em 2008 faturou aproximadamente US\$ 46 bilhões (ABIT, 2015 e SEBRAE, 2014).

No Estado de Goiás essas micro e pequenas empresas de confecções contribuem para o desenvolvimento econômico e social. Pois esse segmento movimenta vários outros segmentos. Contudo, esse setor se destacou somente após a diversificação da economia, visto que, em alguns anos atrás, outros setores se destacavam na cidade, a título de exemplo, o segmento agropecuário (ARRANJO PRODUTIVO, 2006). Essas pequenas empresas demonstram sua importância na geração de empregos e crescimento econômico do Estado. Juntas são responsáveis por 99% dos estabelecimentos goianos, 51,7% dos empregos privados não agrícolas formais e aproximadamente 40% da massa de salários (ANUÁRIO DO TRABALHO, 2013; SEBRAE, 2012 e DIEESE, 2012).

2.2 Contabilidade gerencial em pequenas empresas

Tomar decisão dentro de qualquer empresa requer responsabilidade e conhecimento, e para isso é necessário uma base de dados atualizada, planejamento e ferramentas que possibilitem o controle (REGINATO, 2010 e CREPALDI, 2008). Para Padovezi (2010), Brondani *et al* (2007), Perez Jr., Oliveira e Costa (2006), a contabilidade gerencial gera informações que auxiliam no controle, no planejamento e tomada de decisões pelos administradores, e conseqüentemente, vantagem competitiva. No entanto, para Johnson e Kaplan (1991) *apud* Brondani (2007), um eficaz sistema de contabilidade gerencial não garante sozinho o sucesso organizacional frente ao atual mercado, mas o contrário, pode comprometer os processos gerenciais do gestor. Nesse contexto, Lacerda (2006), afirma que esse segmento enfrenta dificuldades, pois ainda não se desapegaram ao dogma “a contabilidade gera informações para atender o fisco e rotinas trabalhistas”, e assim, não utilizam as informações para balizar suas decisões. Para auxiliar esses gestores, Carvalho e Lima (2011), Brondani (2007) e Medeiros, Costa e Silva (2005), sugerem o uso de planejamento financeiro e demonstrativos contábeis (balanço patrimonial, demonstração do resultado, demonstração do fluxo de caixa, planilhas de contas a pagar e receber, fluxo de caixa, aplicação de custeio na forma de apurar os custos e formação do preço do produto, entre outros). Perez Jr, Oliveira e Costa (2006) e Martins (2003), complementam com a utilização do reconhecimento da receita e despesa no regime de competência, devido a influencia no processo de produção do produto comercializado, como também a fixação de metas operacionais.

Para Mesquita (2002), os gestores dessas empresas precisam estar preparados para lidar com a administração do negócio, entender todo o processo ao qual estão inseridos, desde o enquadramento da empresa à concorrência e ao mercado.

2.3 Pesquisas similares

Raupp, Martins e Beuren (2006) pesquisaram o controle de gestão nas maiores indústrias catarinense desse segmento, e identificaram vários instrumentos gerenciais, como por exemplo, as demonstrações contábeis, contabilidade de custos e outros instrumentos como planejamento estratégico e benchmarking. Desses, destacou-se a contabilidade de custos com 97% das empresas observadas. Concluíram que essas indústrias se preocupavam com as ferramentas utilizadas pela administração de grandes empresas de outros segmentos, para analisarem os seus resultados.

Oliveira e Leite (2007) buscaram compreender melhor o funcionamento e a dinâmica das indústrias do setor de confecções situadas em Jaraguá Goiás, quanto ao uso das ferramentas de gestão. Identificaram que do total de 813 unidades produtoras 62% estavam na informalidade, 36% já trabalhavam na área antes de abrir o próprio negócio, 23% nunca exerceram outra atividade e 37% trabalhavam em outros setores. Concluíram que os Arranjos Produtivos Locais (APL) vêm ganhando atenção devido ao desenvolvimento econômico proporcionado em determinadas regiões, mas não utilizam as ferramentas gerenciais desenvolvidas pela contabilidade.

Bavaresco (2008), analisou a caracterização de empresas finalistas do Prêmio Talentos Empreendedores do SEBRAE, e identificou o perfil, a utilização de informações contábeis gerenciais para tomada de decisão e a fase do ciclo de vida. A amostra foi composta por 18 empresas finalistas do processo seletivo, e chegou à conclusão que 33,3% são empresas de serviços, 55,6% com mais de dez anos de atuação, 88,9% possui colaborador responsável por elaborar informações gerenciais, 72,2% afirmaram fazer planejamento orçamentário, 83,3% calcularam os custos dos produtos e 93,4% alocavam custos e despesas aos produtos. 38,9% têm a atuação do contador apenas relacionada ao fisco e apenas 22,2% atuam na parte fiscal juntamente com tomada de decisão, 44% raramente utilizam demonstrações contábeis na gestão e 22% não utilizam. Já quanto a gestão de controle de caixa, 77,8% das empresas utilizam,

94,4% controlam o contas a receber e pagar, 66,7% controla os custos, e apenas 33,3% utilizam informações geradas pela contabilidade.

Lucena *et al* (2010), exploraram o comportamento humano para tomada de decisão atrelada a avaliações dos aspectos financeiros no ramo de confecções no agreste. Para isso, buscaram identificar a relação entre fundamentos econômicos e financeiros com os aspectos comportamentais de micro e pequenas empresas que contribuem para tomada de decisão. Com o resultado, foi possível verificar que 52% disseram ter como estratégia foco no preço dos produtos, 56% no nicho de mercado e volume de vendas, 52% empresários se atualizam em feiras, workshops e eventos, 12% apostaram na capacitação dos funcionários, 60% se preocuparam em estar frente ao negócio enquanto apenas 12% se preocuparam com custos da empresa, a maioria possuía preocupação e acompanhavam mensalmente o orçamento, (entrada e saída do caixa).

Lima *et al* (2010), realizaram pesquisa nas empresas do polo de confecções do agreste pernambucano, na cidade de Santa Cruz e abordaram a forma como essas empresas utilizam informações gerenciais para alcançar o lucro. Concluíram que a maioria são mulheres com idade entre 20 e 30 anos, que a estrutura das empresas é familiar e estão no mercado há pouco tempo. Que 56% dos gestores não separam a entidade das decisões pessoais e formam o preço dos produtos com base no valor de mercado. Que apenas 4,3% possuem contadores, e esses são responsáveis pelas questões fiscais e trabalhistas. Os 44% restante, utilizam os custos e a margem de lucro para formar os preços, também utilizam as informações contábeis frequentes. Dessas, 26,7% relacionado a tributos, 20% balanço patrimonial, 13,3% referente aos custos, 4,4% balancete e 2,2% demonstração do resultado.

Carvalho e Lima (2011), pesquisaram as práticas gerenciais adotadas pelos gestores das microempresas de Souza no Estado da Paraíba. Os resultados obtidos mostraram que 51,1% dos gestores são proprietários, 40% estão no ramo a mais de dez anos, 57,8% possuem apenas ensino médio, 91% das empresas são optantes pelo simples nacional, 97,8% fazem controle de contas a pagar, 86,7% fazem controle de vendas. Mas, 100% não utilizam os controles gerenciais literários para fins de controle e apoio às decisões.

Borges e Leal (2012), estudaram a utilização de informações contábeis gerenciais pelos gestores das microempresas, associadas à ACIUB (Associação Comercial e industrial de Uberlândia). Os gestores entrevistados afirmaram que não utilizam todas as ferramentas gerenciais por não conhecer. As que usam, limitam-se a formação de preço com base nos custos e margem de lucro, gestão de estoque e análise de lucro. Suas decisões balizam-se em suas intuições adquiridas ao longo do tempo. Que os gestores mais jovens, são propensos a utilizarem o fluxo de caixa.

3 Metodologia

A pesquisa foi realizada nas micro e pequenas empresas de vestuário na cidade de Goiânia, sediadas na Rua 44, setor Norte Ferroviário e *Shopping* Estação Goiânia. A escolha se deu por motivo de acessibilidade e impacto na economia local. Nessas localizações, há aproximadamente oito mil e quinhentos pontos comerciais (FREITAS, 2015). Entretanto, a amostra da pesquisa correspondeu a 736 microempresas que aceitaram responder o questionário.

Na identificação do uso das ferramentas gerenciais, os dados foram coletados através da aplicação de questionário estruturado, no qual continham questões referentes às informações relativas à identificação do respondente, estrutura da empresa, estrutura de custos e estrutura de planejamento, durante o mês de março 2015, nos dias de quinta-feira, sexta-feira e sábado, em decorrência de todos os estabelecimentos estarem abertos. Já quanto aos serviços prestados pelos contadores, foi aplicado a entrevista individual, com hora agendada.

A análise dos dados foi feita por meio da estatística descritiva com auxílios do *software* SPSS versão 20.0, onde se verificou as frequências mais relevantes e descreveram-se as mesmas, visando destacar os principais resultados encontrados.

4 Análise dos dados

4.1 Identificações dos entrevistados

A tabela 1 apresenta a relação funcional dos gestores com as empresas, e é possível identificar que 13% são administradores, 66% são proprietários e 21% vendedores. A maioria das empresas analisadas possuem o controle do dono no negócio, cenário que ratifica as pesquisas realizadas por Lucena *et al* (2010), que explorou aspectos comportamentais na tomada de decisão em micro e pequenas empresas no agreste pernambucano, e Carvalho e Lima (2011), quando afirma que as micro e pequenas empresas possuem em relação à representação do dono.

Tabela 1 - Função dos gestores das microempresas

Descrição	Frequência	%	% Acumulado
Administrador	94	13	13
Proprietário (dono)	486	66	79
Vendedor	156	21	100
Total	736	100	

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à escolaridade dos respondentes, foi possível verificar que 15% possuem ensino fundamental, 50% ensino médio e 34,3% ensino superior, conforme tabela 2. Portanto, verificou-se a predominância de pessoas que possuem apenas o ensino médio. Sendo o resultado semelhante à pesquisa realizada por Carvalho e Lima (2011) que constatou mais da metade dos entrevistados com ensino médio.

Tabela 2 - Escolaridade dos gestores das microempresas

Descrição	Frequência	%	% Acumulado
Não respondeu	5	0,7	0,7
Fundamental	110	15,0	15,7
Médio	366	50,0	65,7
Superior	255	34,3	100,0
Total	736	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa

Os que afirmaram ter cursado ensino superior ou estar cursando, foi possível identificar cursos das mais diversas áreas. O de maior frequência foi administração, seguido de contábeis e direito. Em relação ao tempo de trabalho com venda de confecção e vestuário, conforme tabela 3, identificou-se que 32% estão na faixa de 6 a 10 anos, e aproximadamente 23% a faixa acima de 10 anos. No aspecto geral, aproximadamente 80% estão na faixa acima de três anos

Tabela 3 - Tempo de experiência dos gestores no segmento

Descrição	Frequência	%	% Acumulado
Menos 1 ano	37	5,0	5,0
De 1 a 2 anos	69	9,4	14,4
De 3 a 5 anos	227	30,9	45,3
De 6 a 10 anos	236	32,0	77,3
Mais de 10 anos	167	22,7	100,0
Total	736	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa

O número de gestores com experiência é razoável visto que apenas 5,0% possuem menos de 1 ano. No âmbito geral, pode-se afirmar que a última faixa (22,7%) ratifica a pesquisa feita por Carvalho *et al* (2011), quando afirma que 40% estão no ramo a mais de dez.

4.2 Porte das empresas pesquisadas e existência de filiais

A tabela 4 demonstra o porte da empresa com base no número de funcionários no que tange a sua classificação, conforme preconiza o IBGE (2012) e SEBRAE (2014), bem como se essas mesmas empresas possuem filiais (outras unidades de vendas). Quanto a classificação por número de funcionários para fins de enquadramento do porte da empresa, observa-se que 51,4% são microempresas, 36,5% são MEI, 8,8% são pequenas empresas e 3,3% não forneceram informações. Já no que se refere a existência de filiais, 35,4% possuem. Essas filiais, em sua maioria, estão localizadas em endereços diferentes das suas matrizes. Entretanto, há filiais no mesmo endereço, inclusive, ao lado uma da outra. Perguntado sobre o motivo aos gestores, a resposta é estratégia de mercado. Essas filiais, em sua maioria, vendem os mesmos produtos, mas com qualidade e preço inferior.

Tabela 4 – Porte das empresas e existência de filiais

Descrição	Qte	%	Acumulado (%)
Não identificado	24	3,3	3,3
MEI	269	36,5	39,8
Micro	378	51,4	91,2
Pequena empresa	65	8,8	100,0
Total	736	100,0	
Possui filial?			
Não respondeu	4	0,6	0,6
Sim	260	35,4	36,0
Não	472	64,1	100,0
Total	736	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa

Investigado o tipo de produção dessas empresas, constatou-se que 45,85% possuem produção própria, 41,98% produção terceirizada com facção e 12,2% própria e terceirizada (mista). Quanto ao produto comercializado, 60,7% é vestuário feminino e modinha, 20,9% jeans e apenas 6,0% vestuário masculino adulto. 6,6% moda infantil, 3,8% moda masculina e feminina infantil, 0,5% moda *fitnes* e 1,1% moda íntima feminina. Conforme demonstra a tabela 5.

Tabela 5 – Modalidade de produção e produto comercializado

Descrição	Qte	%	Acumulado
Própria	337	45,85	45,85
Facção	309	41,98	87,83
Própria e Facção	90	12,20	100,03
Total	736	100,0	
Produção comercializada			
Vestuário feminino e modinha	447	60,77	60,77
Vestuário masculino	45	6,08	66,85
Vestuário infantil	49	6,63	73,48
Vestuário masculino e feminino infantil	29	3,87	77,35
Jeans	154	20,99	98,34
Moda <i>fitnes</i>	4	0,55	98,89
Moda íntima	8	1,11	100
Total	736	100	

Fonte: Dados da pesquisa

Verifica-se que o mercado de roupas femininas e o jeans são os principais responsáveis pelo movimento do comércio de vestuário. No tocante as vendas, verificou-se que 89% dos produtos são negociados tanto no atacado como no varejo. E em relação à forma de pagamento das vendas, 74,6% das vendas são à vista e 23,2% a prazo. Dessa forma, há maior circulação de moeda corrente no comércio da região.

4.3 Estrutura de custos

91% dos gestores responderam possuir algum tipo de controle de custo na produção do produto. Desses, 97% disseram incluir matéria prima, mão de obra, acessórios e acabamentos nos custos dos produtos. 3% alegaram que os custos são compostos por todos os custos somando a todas as despesas. 64,6% dos gestores conseguem identificar o percentual de matéria prima aplicado na fabricação do produto e 46,5% na mão de obra direta. Já quanto aos custos indiretos de produção, apenas 32% conseguem identificar, conforme demonstra a tabela 6.

Tabela 6 - Percentual de controle dos elementos de custo do produto

Descrição	%	
	Controlam	Não controlam
Matéria prima	64,6	35,4
Mão de obra direta	46,5	53,5
Custo indireto de produção	32,0	68,0
Média total	47,7	52,3

Fonte: Dados da pesquisa

Verificou-se também que aproximadamente 31% dos gestores confundem e misturam em seus controles, os custos e despesas e 69% afirmam não saber a diferença entre as duas contas. Motivo pelo qual, acreditam ser a justificativa dos custos de produção variarem mês a mês, quando ocorre de ser a mesma quantidade produzida, e até mesmo menor.

Referente ao controle periódico das despesas, 87,3% afirmaram fazer esse controle enquanto 12,7% não fazem ou não responderam. Em relação à periodicidade do controle feito por aqueles que afirmaram possuir controle da despesa, verificou-se que 0,63% não informaram a periodicidade, 36,71% fazem controle semanal, 3,80% quinzenal, 48,10% mensal e 10,76% fazem controle com outra periodicidade. Conforme é percebido na tabela 7.

Tabela 7 - Periodicidade de controle e lucro operacional

Descrição	Frequência	%	% Acumulado
Não respondeu	1	0,6	0,6
Semana	58	36,7	37,3
Quinzena	6	3,8	41,1
Mês	76	48,1	89,2
Outros	17	10,8	100,0
TOTAL	158	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação à identificação de lucro ou prejuízos 83,4% declararam fazer apuração de lucros e prejuízos. Desses, 24,2% fazem semanal, 68,6% mensal e 7,20% fazem apuração com outra periodicidade. Esses controles são realizados por planilhas eletrônicas na modalidade de vendas menos despesas (11%), entrada menos saída de produtos no estoque (9%), anotações manuais (20%), interpretação do balanço patrimonial (7%), registros no livro caixa (15%) e informação do contador (4%). No tocante a esse último, 40,3% afirmaram que possuem auxílio, 39,8% não possuem auxílio e 19,9% não responderam.

Perguntados sobre os serviços prestados pelo contador, 41% afirmaram que não pagariam a mais por melhores informações, sob a justificativa de estarem “cortando gastos”, “adequando os salários dos seus operários” e estarem realizando “investimentos de melhorais” na empresa. Por esses motivos, não era pertinente aumentar os honorários do contador, mesmo sabendo que suas informações melhorariam os resultados do negócio. 24% estariam dispostos a pagar mais por melhores informações e 35% não souberam responder.

Dos gestores que declararam utilizar o balanço patrimonial, 27% fazem uso da demonstração de resultado e 73% do fluxo de caixa (entrada e saída de numerários) diário.

Os dados revelam uma contradição, uma vez que para a elaboração do balanço patrimonial é necessário à apuração do resultado do exercício, logo, existem falhas ao utilizar-se de ferramentas gerenciais para obter o conhecimento das informações sobre a situação financeira da empresa contida nas demonstrações contábeis e sua possibilidade de utilização para tomada de decisão.

Referente aos serviços fornecidos pelo contador as micro e pequenas empresas, analisou-se cada serviço separadamente. Sendo, 53% afirmaram fazer folha de pagamento, 55,8% guia de impostos, 14,9% consultoria tributária. Apenas 3,3% utilizam consultoria de custos, 13,3% emitem nota fiscal, 2,2% faz controle de estoque, 15,5% elaboram demonstrações contábeis e apenas 2,8% participam na tomada de decisão. Logo observou que o serviço fornecido pelo contador nessas empresas não tem como foco a tomada de decisão e sim os tributos e a legislação, conforme relata a tabela 8.

Tabela 8 - Serviços fornecidos pelos contadores

Descrição	Qte	% Sim	Qte	% Não
Folha pagamento	390	53,0	346	47,0
Guia impostos	411	55,8	325	44,2
Consultoria tributária	110	14,9	626	85,1
Consultoria de custos	24	3,30	712	97,7
Emissão de nota fiscal	98	13,3	638	86,7
Controle de estoque	16	2,2	720	97,8
Elaboram demonstrações contábeis	28	15,5	708	84,5
Tomada de decisão	21	2,80	715	97,2

Fonte: Dados da pesquisa

Referente ao contato do contador com a empresa, 26% afirmaram possuir contato mensal, 19,9% semanal e apenas 6,1% possuem contato diário sendo que 11,6% possuem outras formas de periodicidade, sendo ela feita conforme a necessidade da empresa. E 36,5% não responderam a esse questionamento.

4.4 Estrutura de Planejamento

Sob a forma de controle e o planejamento de produção dessas empresas de vestuário e confecção, verificou-se que 49,2% fazem o controle de previsão de vendas, enquanto 48,6% não possuem essa previsão e 2,2% não souberam responder. No tocante à previsão da quantidade necessária de produção, 35,4% não responderam, 11,6% afirmaram fazer uma previsão de produção com base nas vendas do ano anterior associado a uma taxa de crescimento de 3,9% (que é fixo), 14,9% afirmaram que produzem com base no mercado e esse é relativo, 8,8% produzem com base na reposição de estoque, 7,2% produzem com base em metas estabelecidas e 9,4% aproveitam as datas comemorativas para aquecerem a produção e assim lucrarem com o aumento do movimento do comércio, como por exemplo, dia das mães e final de ano. 3,3% não possuem quaisquer tipos de controles a esse respeito, conforme tabela 9.

Tabela 9 - Previsão produção

Descrição	Frequência	%	% Acumulado
Não respondeu	261	35,4	35,4
Ano anterior e previsão crescente	85	11,6	47,0
Vendas ano passado	16	2,2	49,2
Clientes fixos	29	3,9	53,1
Mercado (relativo)	110	14,9	68,0
Com base despesas	8	1,1	69,1
Repor estoque	65	8,8	77,9
Modelos e estampas	8	1,1	79,0
Não possui controle	24	3,3	82,3
Metas estabelecidas	53	7,2	89,5
Representantes	8	1,1	90,6
Datas comemorativas	69	9,4	100,0
Total	736	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao controle de gastos na produção 75,1% afirmaram fazer controle. Desses, 14% não informaram a forma de controle, 3% fazem acompanhamento mensal, 22,8% afirmou já saberem os gastos para fazer a produção visto que fabricam poucos modelos e já produzem a algum tempo, 3,7% produzem conforme valor que tem disponível para reinvestimento, 41,2% acompanham os gastos da produção através de anotações em cadernos e 6,6% utilizam planilha eletrônica. É possível afirmar que o controle de produção não utiliza ferramentas mais elaboradas para melhor avaliar o processo de gastos na produção, ficando restrito em sua maioria na forma de controle manual, conforme tabela 10 a seguir.

Tabela 10 - Controle de gastos na produção

Descrição	Frequência	%	% Acumulado
Não respondeu	103	14,0	13,97
Mensal	22	3,0	16,91
Faturamento	5	0,7	17,65
Sabe custo do modelo	168	22,8	40,44
Valor de reinvestimento	27	3,7	44,12
Anotações	304	41,2	85,30
Planilhas eletrônicas	49	6,6	91,92
Aumento MP e impostos	5	0,7	92,66
Pesquisa mensal	11	1,5	94,13
Controla memória	21	2,9	97,07
Planejamento conforme vendas	21	2,9	100
	736	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa

5 Conclusão

A pesquisa abrangeu as empresas do segmento de confecção e vestuário sediadas em Goiânia/GO. Através da aplicação de questionário para a coleta e análise de dados, sobre a utilização contabilidade gerencial para tomada de decisão, verificou-se que grande parte das empresas são controladas pelos proprietários com escolaridade predominante até o ensino médio, mas com experiência no segmento entre acima de seis anos.

Na busca das respostas formuladas pelos objetivos da pesquisa, constatou-se que os serviços oferecidos pelo contador estão relacionados, na sua maioria, na elaboração guias de impostos e fazer folha de pagamento, com fins específicos em atender obrigações fiscais e trabalhistas. E que às demonstrações contábeis elaboradas são fragmentadas e não são utilizadas para fins tomada de decisão. Que há conflito de entendimento entre DFC e fluxo de caixa. Sendo, esse último, o relatório mais usado pelos gestores para fins de controle dos recursos financeiros. E diante desse cenário, não há preocupação pelos contadores em fornecer relatórios

gerenciais e os gestores não têm conhecimento das ferramentas de gestão que eles podem ter acesso através da prestação de serviços contábeis. Dessa forma, a base utilizada por essas empresas são os controles internos menos complexos, por exemplo, controle de entrada e saída de caixa e anotações em cadernos, para fins de decisões gerenciais.

Quanto à utilização de informações sobre custos, 90% afirmaram possuir controle de custos e 87% das despesas, com periodicidade mensal. Contudo, constou-se problemas relacionados a distinção entre o que é despesa e o que é custo, e conseqüentemente, equívocos na apuração de custos dos produtos. Que o contador auxilia apenas 40% dessas empresas em relação a mensuração dos custos e despesas. Dessa forma, as demais empresas podem incorrer em decisões com base em dados distorcidos.

Verificado os critérios de apuração de lucro e prejuízo, a maioria das empresas recorrem a modelos próprios, tais como controle de anotações pessoais e entrada e saída de estoque, sem a utilização das demonstrações contábeis.

Diante do exposto, conclui-se que as micro e pequenas empresas do segmento de confecções e vestiários, sediadas em Goiânia/GO, responsáveis por 52% dos empregos e 40% da massa salarial da capital goiana, não utilizam as informações geradas pela contabilidade gerencial em suas decisões, recorrem a experiências dos gestores de mercado. E 40% dessas empresas não estão dispostas a pagar por um serviço diferenciado dos contadores. E que esses contadores, restringem-se a apresentar apenas informações referente a questões fiscais (impostos) e trabalhistas (folha de pagamento).

Como sugestão para futuras pesquisa, sugere-se investigar a percepção dos contadores que prestam serviço às micro e pequenas empresas de confecções quanto aos serviços ofertados.

Referências

A REDAÇÃO. **Mega Polo Moda lança em Goiânia**. Goiânia, 2014. Disponível em: <<http://www.aredacao.com.br/imoveis/47407/mega-polo-moda-lanca-em-goiania-sua-primeira-unidade-fora-de-sao-paulo>>. Acesso em: 12 nov 2014.

ANTHONY A. Atkinson, Rajiv D. Banker, Robert S. Kaplan e S. Mark Young. **Contabilidade Gerencial**. 3.ed.- São Paulo: Atlas, 2011.

APL. **Confecção de moda feminina da região de Goiânia**. Goiânia. 2006. Disponível em: <www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248268621.pdf>. Acesso em: 01 out 2014.

ARRUDA, Bruno da Silva; SANABIO, Marcos Tanure. **As Micro e Pequenas Empresas e o Setor Têxtil e Vestuário no Município de Juiz de Fora, MG**. In: Simpósio de Excelência em Gestão e Economia. Juiz de Fora-MG. 2013. **Anais...** Juiz de Fora: 2013.

BAVARESCO, Thaisy Piazero Fanni. **Caracterização das empresas finalistas do prêmio talentos empreendedores do sebrae/sc, edição de 2007, quanto a perfil, utilização de informações contábeis e gerenciais para a tomada de decisão e estágio do ciclo de vida**. Florianópolis. 2008. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Contabeis292251>>. Acesso em: 08 de maio 2015.

BORGES, Lara Fabiana Morais; LEAL, Edivalda Araújo. **Contabilidade gerencial: a Utilização das Informações Contábeis Gerenciais pelos Gestores das Micro e Pequenas Empresas**. In: IX Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia promovido pela Universidade de Uberlândia-MG. 2012. **Anais...** Uberlândia; 2012.

BRASIL. **LC. 123**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm>. Acesso em: 16 out 2014.

BRONDANI, Gilberto; MADRUGA, Sérgio Rossi; UHLMANN, Vivian Osmari; RAMBO, Deise Antunes. **A contabilidade gerencial como elemento propulsor na melhora do processo decisório em MPES**. Revista Sociais e Humana, Santa Maria, v.20, n. 2 jul/dez 2007, p. 109-119.

CARVALHO, José Ribamar Marques de; LIMA, Maria das Dores. **Práticas Gerenciais em MPES do comércio de confecções da cidade de Sousa-PB**. V. 5, n. 3, art. 3, p. 48-68 ISSN 1981-8610 set/dez. 2011.

CORDEIRO, **Manuela Casali**. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/noticiaInt~id~17977~n~polo+de+confeccoes+do+estado+de+goias.htm>>. Acesso em: 23 set 2014.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade Gerencial**. 4.ed.-São Paulo: Atlas, 2008.

ESTADO. **Gabinete de Imprensa do Governador**. Disponível em: <<http://www.segplan.go.gov.br/post/ver/163476/governador-anuncia-financiamentos-a-lojistas-do--estacao-goiania>>. Acesso em 02 out 2014.

ESTUDOS IMB. **Emprego formal em Goiás 2012**. Goiânia, 2014. Características do Emprego Formal em Goiás, segundo a Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/down/caracteristicas_do_emprego_formal_em_goiias_2012.pdf>. Acesso em: 06 jun 2015.

FREITAS, Dayse. Lojistas da 44 dominam feira goiana em Brasília. **O Popular**, Goiânia, p. 13, 20 maio de 2015.

LACERDA, Joabe Barbosa. **A contabilidade como ferramenta gerencial na gestão financeira das micro, pequenas e médias empresas (MPES): Necessidade e aplicabilidade**. Revista Brasileira de Contabilidade, n. 160, v. 35, São Paulo, 2006.

LIMA, F. B de; LAGIOLA, U. C.T.; ALMEIDA, S. G. O de; VASCONCELOS, A. L.F de S. **Um estudo sobre a utilização da contabilidade gerencial pelas empresas pertencentes ao polo de confecções do agreste pernambucano**. 2010. Disponível em <<http://www.congressosp.fipecafi.org/web/artigos102010/572.pdf>>. Acesso em: 16 out 2014.

LUCENA, W. G. L.; MELO, E. G de; RABELO, V. de V.; MARCELINO, G. F. **Os efeitos comportamentais na tomada de decisão dos gestores de micro e pequenas empresas: Um estudo em empresas do ramo de confecções**. Estratégia e Negócios, v. 3, n. 2, jul./dez. Florianópolis, 2010.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de Custos**. 9.ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

MEDEIROS, O. R.; COSTA, P. S.; SILVA C. A. T. **Testes empíricos sobre o comportamento assimétrico dos custos nas empresas brasileiras**. Revista Contabilidade e Finanças - USP, São Paulo, n 38, p.47-56, 2005.

MESQUITA, Gisely Jorge; **Planejamento e controle de resultados na pequena empresa: Um estudo descritivo em pequenas empresas de confecções de artigos de vestuário da cidade de Goiânia-GO**. 2002. 121 f. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

NASCIMENTO, Auster Moreira; REGINATO, Luciane. **Controladoria**. 1.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL SEBRAE. **Empreendedorismo no Brasil 2013**. Disponível em: <http://ois.sebrae.com.br/publicacoes/gem-empreendedorismo-no-brasil/>. Acesso em: 10 mai 2015.

OLIVEIRA, Miguel Ivan Lacerda; LEITE, Tasso de Souza. **A inovação em arranjos produtivos locais: O caso de Jaraguá**. Estudos, Goiânia, v. 34, n. 9/10, p. 695-711, set./out. 2007.

PADOVEZI, Clóvis Luís. **Contabilidade Gerencial**. 7.ed.-São Paulo: Atlas, 2010.

PEREZ JR. José Hernandez; OLIVEIRA, Luís Martins de; COSTA, Rogério Guedes. **Gestão Estratégica de Custos**, 5.ed.- São Paulo: Atlas, 2006.

PIRES, Alessandra. **Estudo aponta negócios promissores para 2015**. 2015. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/Estudo-aponta-neg%C3%B3cios-promissores-para-2015>>. Acesso em: 01 mar 2015.

RAUPP, Fabiano Maury; MARTINS, Samuel João; BEUREN, Ilse Maria. **Utilização de controles de gestão nas maiores indústrias catarinenses**. R. Cont. Fin. – USP, São Paulo, n. 40, p. 120 – 132, Jan./Abr. 2006.

SEBRAE e DIEESE. **Anuário do trabalho**. 6.ed. São Paulo. 2013. Disponível em <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario%20do%20Trabalho%20Na%20Micro%20e%20Pequena%20Empresa_2013.pdf>. Acesso em: 28 set 2014.

SEBRAE, Agência de Notícias. **Setor de confecções planeja ações até 2015**. Goiânia, 2012. Disponível em: <http://www.go.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/GO/setor-de-confecoes-planeja-acoes-ate-2015,e2f490a0d2816410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 12 nov 2014.

SEBRAE. **Como montar um serviço de confecção**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/Como-montar-um-servi%C3%A7o-de-fac%C3%A7%C3%A3o#naveCapituloTopo>>. Acesso em: 23 mai 2015.

SEBRAE. **Critérios de classificação de empresas**. Disponível em: <<http://www.sebrae-sc.com.br/leis/default.asp?vcdtexto=4154>>. Acesso em: 29 out 2014.

SEBRAE. **Micro Empreendedor Individual, tudo que você precisa saber para ser MEI**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/Microempreendedor-Individual-conta-com-o-Sebrae>. Acesso em 23 maio 2015.

SILVA, Daniel Salgueiro da; GODOY, José Antonio de CUNHA, José Xavier. COELHO NETO, Pedro (Coord.). **Manual de procedimentos contábeis para micro e pequenas Empresas**. 5.ed. Brasília: CFC: SEBRAE, 2002.

TAVARES, Marcelo. **O sucesso da Rua 44**. 2014. Disponível em <http://tribunadoplanalto.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18183:o-sucesso-da-rua-44&catid=64:comunidades&Itemid=6>. Acesso em: 03 jun 2011.